

Santiago Boanerges, Filho do Trovão:

*“Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para que sejam aniquilados?” (Lc 9, 54)*



25 de julho de 2017. Uma hora, cinquenta e três minutos, vinte e sete segundos... Diante de um mosteiro religioso - a Casa Mãe dos Arautos do Evangelho - estaciona um carro desconhecido pelos residentes do local. Uma terça-feira ensolarada e sorridente na grande capital paulistana disfarça negras perspectivas. Mas no mundo inteiro se celebra a festa de um santo matador, o Matamouros.

As circunstâncias parecem realmente propícias para o início de uma inquisição. Mas o que se vê? Saem do veículo três homens. Serão padres? Talvez bispos. Ou são apenas bons pais de família? A indumentária não identifica sua condição, quiçá religiosa... Uma senhora de respeitável idade também se apresenta. Seu traje sóbrio e os cabelos com pintura gasta denunciam sua provecta condição: uma boa e afável vovó. Não parece a figura ideal para fiscalizar a radicalidade com que se leva a vida religiosa numa instituição... Será freira? À visita adiantaram-se alguns centristas de hábito marrom, todavia de botas militares: homens que se apresentam como se possuíssem grande influência nos Arautos, mas tidos como mero elo de ligação com a Igreja de Francisco; não com a Igreja Católica de Jesus Cristo.

Tudo parece indicar que a visita canônica começou, entretanto sem a oficialidade que deveria lhe caracterizar. Nós, os anfitriões, não tomamos conhecimento, e as informações não vazaram... A hipocrisia de uma Igreja **“casa de Jesus, aberta a todos”**, se fez constatar: a visita não se abriu para nós, nem para nossos pleitos. Se for assim neste aparente primeiro encontro, é difícil tecer hipóteses sobre como serão os seguintes.

O que pensar? Como interpretar tudo isso? Não podendo dizer uma palavra sobre a realidade dos acontecimentos, buscamos um guia na liturgia da missa. E ela nos diz tudo: *“Somos afligidos de todos os lados, mas não vencidos pela angústia; postos entre os maiores apuros, mas sem perder a esperança; perseguidos, mas não desamparados; derrubados, mas não aniquilados...”* (II Cor 4, 8-9)

E não tememos as consequências do que nos vem; pois o nosso ingresso na religião é marcado pela recepção de uma capa rubra, e por uma cruz em parte vermelha, que bem simbolizam que aqui nós entramos dispostos a derramar o nosso sangue pela verdade e pela fé, sem receios, pois *“sustentados pelo mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito: ‘Eu creio e, por isso, falei’, nós também cremos e, por isso, falamos”* (II Cor 4, 13), por isso denunciaremos!

São Tiago Maior, primeiro apóstolo mártir que se celebra, inspira uma antífona consoladora e título nosso: *“beberam o cálice do Senhor e se tornaram amigos de Deus”* (Mt 20, 22).

Nossa postura diante dessa perseguição que se consolida, veio orientada no Salmo: *“chorando de tristeza sairão, espalhando suas sementes – nossas denúncias! -; cantando de alegria voltarão, carregando os seus feixes!”* (Sl 125, 6) E depois: *“os que lançam as sementes entre lágrimas, ceifarão com alegria”* (Sl 125, 5). São Tiago, modelo dos heróis cruzados, ceifou cabeças; o que ceifaremos nós?

25 de julho de 2017, Festa de São Tiago, Apóstolo

